

ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS

volume 18

Artes Rupestres II
Actas da Mesa-Redonda



Ficha técnica

Título: Actas da II Mesa-Redonda. Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)

Coordenação: Maria de Jesus Sanches e Domingos Cruz

Design da capa: A. Fernando Barbosa

Maquetagem e paginação: Tiago Gil

Propriedade: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. Apartado 50 — 3501-908 Viseu. cepba@sapo.pt

Distribuição (edições em papel):

Livraria Sousa e Almeida, Rua da Fábrica, 40-42 — 4050-245 Porto. geral@sousaealmeida.com

Portico Librerías, Muñoz Seca, 6 — 50006 Zaragoza (Espanha). portico@librerias.es

ISBN: 978-972-99352-7-5 | *Suporte:* electrónico | *Formato:* PDF

Ilustração da capa: “máscara” do Abrigo 15 A do Regato das Bouças, Serra de Passos (Mirandela)

Estudos Pré-históricos é uma publicação não periódica vocacionada para a divulgação de estudos e outros textos sobre o património arqueológico e a Pré-história do Centro de Portugal, em particular da região da Beira Interior. É seu objectivo contribuir para o conhecimento da ocupação pré-histórica do território, como também a divulgação e protecção do património arqueológico.

Este volume dos Estudos Pré-históricos foi publicado, em formato digital, em Dezembro de 2016

<http://estudospre-historicos.weebly.com>

CENTRO DE ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS DA BEIRA ALTA

ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS

VOL. XVIII

Actas da II Mesa-Redonda

Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história:

Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários

Rock Arts of Prehistory and Protohistory:

Study, Heritage Conservation and Musealization of Rock Art Massifs and Funerary Megalithic Monuments

10, 11 e 12 de Novembro de 2011

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Maria de Jesus Sanches | Domingos Cruz

Coordenação / Editors

UISEU

2013

ÍNDICE

Apresentação do volume	11
<i>About this publication</i>	
Domingos J. Cruz e Maria de Jesus Sanches	
 Linhas programáticas da II Mesa Redonda “Artes Rupestres”	 13
<i>Programmatic orientations of the second Roundtable "Rock Arts"</i>	
Maria de Jesus Sanches e Domingos J. Cruz	
 Conservar: produzir passado	 15
<i>Heritage conservation: the past producing</i>	
Susana Jorge	
 Orientação das vertentes e conservação de arte rupestre: dados meteorológicos preliminares acerca do complexo de arte rupestre ao ar livre do Vale do Côa	 19
<i>Slope aspect and rock art conservation: preliminary meteorological data regarding the open-air Coa Valley rock art complex</i>	
António Pedro Batarda Fernandes	
 O Abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do Vale do Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes)	 41
<i>The Parada Rockshelter, a rock art site in the valley of Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes)</i>	
Joana Castro Teixeira	
 Escarpas rochosas e pinturas na Serra de Passos/ Sta Comba (Nordeste de Portugal)	 71
<i>Rock Escarpments and its schematic paintings in Passos/Sta Comba Mountain (Northeast of Portugal)</i>	
Maria de Jesus Sanches, Pedro Rafael Morais, Joana Castro Teixeira	
 Fraga da Pena. Architecture of a granitic tor in the 3rd millennium BC	 119
<i>Fraga da Pena: arquitectura cosmológica de um maciço rochoso no final do 3º milénio AC</i>	
António Carlos Valera	
 O abrigo da Foz do rio Tua-Alijó (Trás-os-Montes, Portugal). Identificação e estudo preliminar	 131
<i>The Foz do Tua rockshelter (Alijó, Trás-os-Montes, Portugal). Archaeological identification and preliminary study</i>	
Joana Castro Teixeira, Joana Valdez, Maria de Jesus Sanches	

Conservação e valorização de monumentos megalíticos. Da inocência das soluções aos resultados efectivos	141
<i>Conservation and heritage enhancement of megalithic monuments. From the solution's innocence to the real results</i>	
Luís Filipe Coutinho Gomes, João Miguel André Perpétuo, Joaquim Garcia	
 Patologia do granito: deteriorações, causas e curas	 171
<i>Granite pathology: deteriorations, causes and treatments</i>	
Arlindo Begonha	
 Resultados da primeira campanha de escavação na Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide — Centro-Leste de Portugal). Breve síntese	 195
<i>Results of the first season of excavation at Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide — Central Eastern Portugal) – An overview</i>	
Sérgio Monteiro-Rodrigues	
 O sítio e a Laje 1 do Castelinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo). Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes oriental	 203
<i>The Castelinho archaeological site and its engraved slab number 1 (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo). Contributions to the knowledge of the second Iron Age in Eastern Trás-os-Montes.</i>	
Filipe João C. Santos, Eulália Pinheiro, Fábio Rocha, Jose Sastre	
 Debates	 219
<i>Discussion</i>	
 Resumos de comunicações apresentadas e não publicadas	 253
<i>Abstracts of unpublished communications</i>	
 Guia da visita de estudo	 263
<i>Field trip guide</i>	

O ABRIGO DA FOZ DO RIO TUA-ALIJO (TRÁS-OS-MONTES, PORTUGAL). IDENTIFICAÇÃO E ESTUDO PRELIMINAR

THE FOZ DO TUA ROCKSHELTER (TRÁS-OS-MONTES, PORTUGAL).
ARCHAEOLOGICAL IDENTIFICATION AND PRELIMINARY STUDY

*Joana Castro Teixeira**
*Joana Valdez-Tullet***
*Maria de Jesus Sanches****

Resumo

São apresentados neste paper/poster os resultados do estudo preliminar e identificação iconográfica dos desenhos do abrigo rupestre da Foz do Tua, ambos obtidos no contexto da investigação arqueológica relativa à minimização de impactes durante a construção da barragem da Foz do Tua (AHFT). Este abrigo ficará visitável após a construção daquela barragem dado que se situa fora da sua albufeira.

Palavras-chave: Pré-história, abrigo com arte rupestre, arte naturalista, arte abstracta e arte esquemática.

Abstract

During the mitigation measures carried out prior to the construction of the Foz Tua dam, a rock shelter was identified bearing several styles of rock art of different periods. The results of this preliminary study are presented in this paper. The rock shelter will still be accessible after the construction of the dam, as it is located outside the reservoir.

Keywords: Prehistory, rock shelter with rock art, naturalistic art, schematic art, abstract art.

* Arqueóloga. Estudante de Doutoramento da FLUP. Investigadora do CEAACP: joanacastroteixeira@gmail.com

** Arqueóloga. Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutoranda em Arqueologia na Universidade de Southampton (Inglaterra). Investigadora do CEAACP: joanavaldez@gmail.com

*** Arqueóloga. Professora Associada da FLUP. Líder de investigação do CEAACP: mjsanches77@gmail.com

1. INTRODUÇÃO¹

Vive-se actualmente em Portugal uma época em que grande parte das descobertas arqueológicas e subsequentes estudos resultam das medidas de minimização e compensação decorrentes das grandes obras de construção civil, em particular aquelas que afectam grandes porções de território.

Foi neste contexto que, no decorrer dos trabalhos de prospecção para o Estudo de Impacte Ambiental (EIA) do Aproveitamento Hidroelétrico de Foz-Tua (Trás-os-Montes, Portugal), João Carlos Caninas e Francisco Henriques, ao serviço da empresa Emerita, Ld.^a identificaram o “Abrigo da Foz do Rio Tua” (CANINAS *et alii* 2008; PROFICO AMBIENTE LDA, 2008) (Fig. 1). Era então inventariado o primeiro sítio arqueológico com arte rupestre nas margens deste rio sendo preconizado, no âmbito das directrizes estipuladas pela Declaração de Impacte Ambiental (DIA) da barragem de Foz-Tua, o registo detalhado do abrigo, incluindo o decalque directo dos painéis com grafismos rupestres (medida 15 da DIA).

Foi durante a realização dos trabalhos de cumprimento da medida de minimização preconizada, adjudicados à empresa Emérita, Ld.^a, e realizados sob a responsabilidade das signatárias (Joana Valdez-Tullett, Joana Castro Teixeira e ainda de Alexandre Lima e Vasco Pinto), que a importância deste sítio adquiriu novos contornos. Com efeito, apercebemo-nos do “carácter barroco” do abrigo, com o reconhecimento de novos painéis e a percepção da densidade de áreas decoradas no espaço (Est. I. 2). Por outro lado, a identificação do painel 31, animalista e de tipologia figurativa claramente atribuível ao Paleolítico superior, alargou ao Vale do Tua o mapa da arte de ar livre deste período e confirmou para este sítio uma diacronia mais alargada do que inicialmente estávamos à espera (Est. II. 2).

A originalidade deste sítio na sua multiplicidade de modos técnico-figurativos, de que decorreu a necessidade de um estudo formal e crono-estratigráfico aturado, conduziu a que, a pedido de João Caninas (Emerita, Ld.^a), a terceira signatária, Maria de Jesus Sanches, se associasse à equipa de investigação.

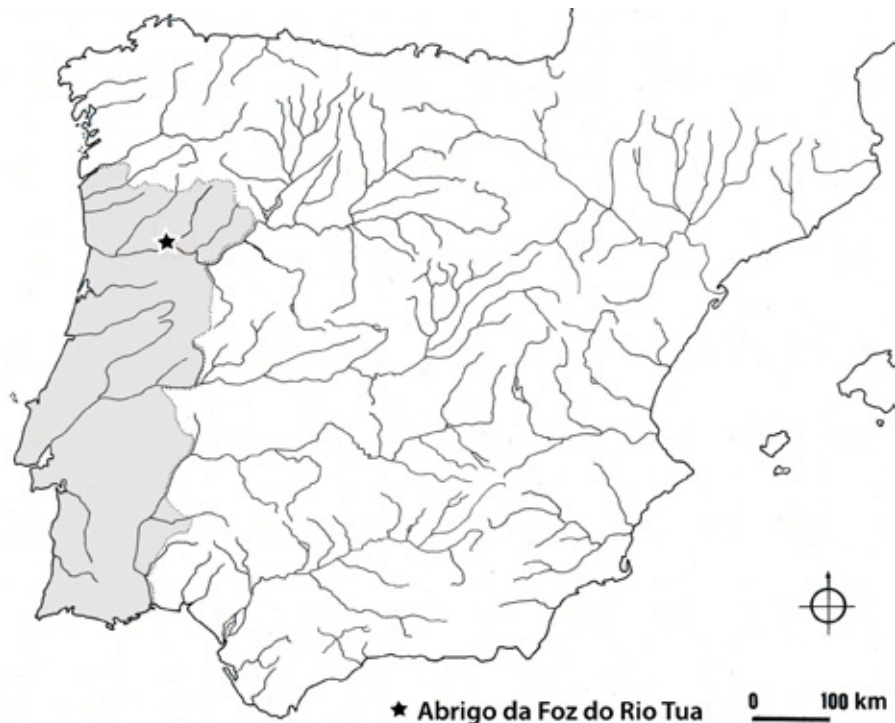


Fig. 1 — Localização do abrigo da Foz do rio Tua na Península Ibérica e na bacia hidrográfica do rio Douro.

¹ Agradece-se à Empresa Emerita Ld.^a e à EDPP a autorização para a apresentação e publicação deste texto. Este resulta do poster que apresentamos na Mesa-Redonda “Artes rupestres da Pré e Proto-história” em 2010, em Vila Nova de Foz Côa. Por motivos relativos à verificação em campo da documentação então apresentada, ultrapassámos os prazos de publicação, sendo este texto publicado agora no mesmo ciclo de Mesas-redondas. Contudo, por razões alheias à nossa vontade, outros textos relativos a este abrigo (SANCHES & TEIXEIRA 2013; VALDEZ-TULLETT 2013) foram publicados antes do presente artigo.

2. CONTEXTO

O “Abrigo da Foz do Rio Tua” situa-se, conforme a sua designação, na margem direita do rio Tua, quase no ponto onde as suas águas desembocam no Douro, a cerca de 1000 metros para jusante da futura barragem, não sendo portanto afectado pela sua albufeira.

Este troço da margem direita do rio apresenta a forma de uma imponente escarpa xisto-grauvática de colorações avermelhadas e declives bastante acentuados. As fracturas características deste tipo de formação rochosa tendem a definir volumes paralelepípedicos alongados ou achatados, que geram “painéis” naturais, isto é, superfícies relativamente lisas e regulares (Est. I. 1).

O Abrigo implanta-se na base desta escarpa rochosa, a poucos metros do próprio rio, destacando-se neste quadro geológico por se tratar da única fenda deste género aberta nas paredes xistosas. Aqui pode observar-se uma diáclase horizontal que terá dividido o maciço em duas partes distintas: a que se define actualmente no solo e aquela que se lhe sobrepõe. Para além desta divisão observa-se também o recuo da parte superior que terá sido provocado pela acção da própria erosão, lascamento e desprendimento de blocos rochosos, dos quais resultaram várias das superfícies aplanadas onde hoje podemos observar as gravuras. Na sua entrada o abrigo permite que o observador se mantenha de pé, ainda que o espaço vá afunilando, em direcção ao fundo, onde adquire uma altura muito reduzida, também decorrente da configuração morfológica e distribuição espacial da rocha, tanto acima como abaixo da diáclase horizontal (Est. I. 2).

Para melhor articulação do estudo, bem como para uma organização mais metódica dos painéis, foi atribuída a esta fenda principal a designação de *Abrigo A*. De facto, para montante desta fenda o desenvolvimento de novas diáclases, desta feita desenvolvidas apenas segundo o sentido longitudinal, conduziu à criação de uma alternância entre áreas abrigadas e outras mais desprotegidas, sendo que a este conjunto se atribuiu a designação de *Abrigo B*.

A grande fenda, ou Abrigo A, encontra-se genericamente voltada para sudeste e é formada, repetimos, por uma falha horizontal que divide o maciço rochoso em duas unidades, uma denominada de Unidade Superior e a outra de Unidade Inferior. A primeira corresponde ao bloco superior da fenda horizontal, sendo genericamente composta pelo tecto do abrigo, bem como pelas suas paredes laterais. Relativamente à Unidade Inferior, remete para o bloco rochoso inferior que forma a própria base do abrigo.

O Abrigo B encontra-se numa posição adjacente à fenda principal, na lateral nordeste do afloramento, onde se desenvolve uma pequena pala definida segundo a direcção natural dos planos de xistosidade.

Foz do Tua

Panel 18

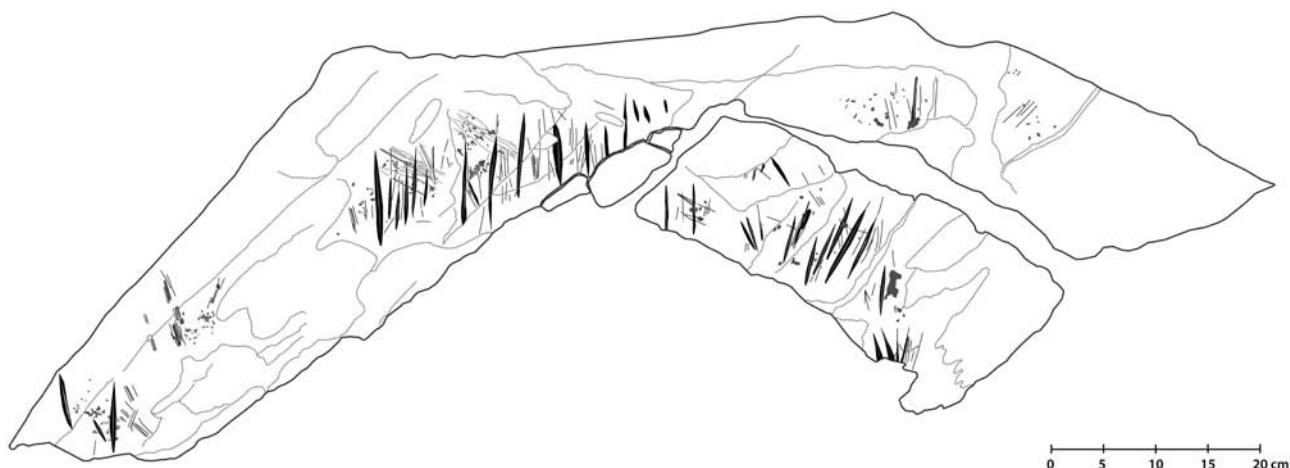


Fig. 2 — Registo gráfico do painel 18. Exemplo da articulação entre grafismos de tipo “unhada” com incisões finas e picotados.

3. OS DESENHOS: GRAVURAS E PINTURAS

Tanto no Abrigo A como no Abrigo B foram identificados, quer no interior das paredes quer no seu corpo rochoso, 48 painéis com figurações (VALDEZ & TEIXEIRA 2011). Estas surgem segundo uma diversidade de orientações e planos que, tendo em conta a direcção das diáclases que os originaram, foram classificados como dorsais, frontais, ventrais e de base.

De uma forma geral as gravuras foram produzidas nos painéis maioritariamente com recurso à técnica de incisão fina e abrasão, surgindo ainda alguns exemplos de motivos obtidos através da picotagem/martelagem. Para além da gravura, encontram-se ainda numa grande parede subvertical do Abrigo B motivos pintados com pigmentos de colorações avermelhadas (provavelmente obtidos através da utilização de óxidos de ferro), cujas formas são hoje já difíceis de delinear a olho nu. A superfície deste painel encontra-se bastante erodida, pelo que parte das áreas pintadas se terão já perdido com o destacamento de algumas zonas da rocha, não sendo portanto possível fazer uma reconstituição do que poderá ter sido a totalidade original dos motivos pintados (VALDEZ & TEIXEIRA 2011). Identificámos contudo umas formas antropomórficas alongadas, bem como uma figura subcircular e duas manchas em forma de pontos.

No caso dos motivos gravados será oportuno realçar a grande variedade técnica e a complexa articulação entre técnicas e motivos que parecem ter implícito, no “modus operandi”, um tempo relativamente longo de preparação das superfícies, de execução aditiva dos motivos e de possíveis reavivamentos de alguns desenhos gravados. A título de exemplo pode referir-se o trabalho de polimento de algumas superfícies; a abrasão sobre linhas filiformes simples com o intuito de criar motivos lineares profundos, cujos sulcos apresentam secção em “V” e são comumente designados por “unhadas do diabo” (Fig. 2); a picotagem de outros motivos ao longo de várias superfícies “virgens”, ou mesmo sobre gravuras anteriores; as complexas combinações de filiformes lineares formando por vezes uma espécie de feixes que ocorrem compositivamente articulados com picotados soltos ou abrasões do tipo “unhada”; as covinhas que associam técnicas de picotagem e abrasão, etc.

Em Foz do Tua os motivos tipo “unhada do diabo”, ou seja, motivos gravados por abrasão profunda, adquirem uma particular expressão gráfica pois estão presentes em grande parte das superfícies gravadas do abrigo, quer em painéis verticais como horizontais, dispondo-se internamente em diversas direcções. Surgem frequentemente de forma paralela uns em relação aos outros, podendo contudo haver variações. Apresentam tamanhos e profundidades diversas, à semelhança do que foi observado em outras estações com gravuras deste tipo (SANCHES 1992; HENRIQUES & CANINAS 2009). Contudo, não estão representados nas mesmas superfícies onde foram executadas as pinturas. Em associação a estes motivos — abrasões lineares profundas — ocorrem as incisões finas, na verdade com muito maior densidade mas, porque graficamente menos perceptíveis, parecem deter menor expressão visual. Consideramos que estes dois tipos técnicos de grafismos se associam formalmente nos painéis do Abrigo da Foz do Tua (SANCHES & TEIXEIRA 2013). Partilham, de resto, uma similitude no gesto técnico e, mais que isso, uma continuidade cognitiva, no sentido de que as abrasões profundas parecem traduzir uma ênfase intencional a determinadas linhas simples incisais.

Com menor frequência surgem também as covinhas ou fossettes, em particular num painel bastante vistoso (Painel 6), no interior do abrigo (Est. II. 1). Estas covinhas apresentam diâmetros amplos, pelo que se tornam bastante visíveis. Note-se que a maior parte delas apresenta uma pátina acentuada, marcas de polimento e abrasão, e encontram-se em associação espacial e estratigráfica com as “unhadas”. À semelhança do que se observa em Foz-Tua, também no Abrigo 2 de Vale de Espinheiros (Atenor, Trás-os-Montes) (SANCHES 1992) é possível identificar uma associação entre covinhas e figurações do género “fusiformes”/“unhadas do diabo”, sendo que estas últimas se sobrepõem, geralmente, às primeiras. No caso da Foz do Tua temos as duas situações: infraposição e sobreposição das abrasões profundas relativamente às covinhas (VALDEZ & TEIXEIRA 2011). Contudo, à semelhança das pinturas, as covinhas representam, no conjunto do sítio, a excepção.

Foz do Tua
Panel 31

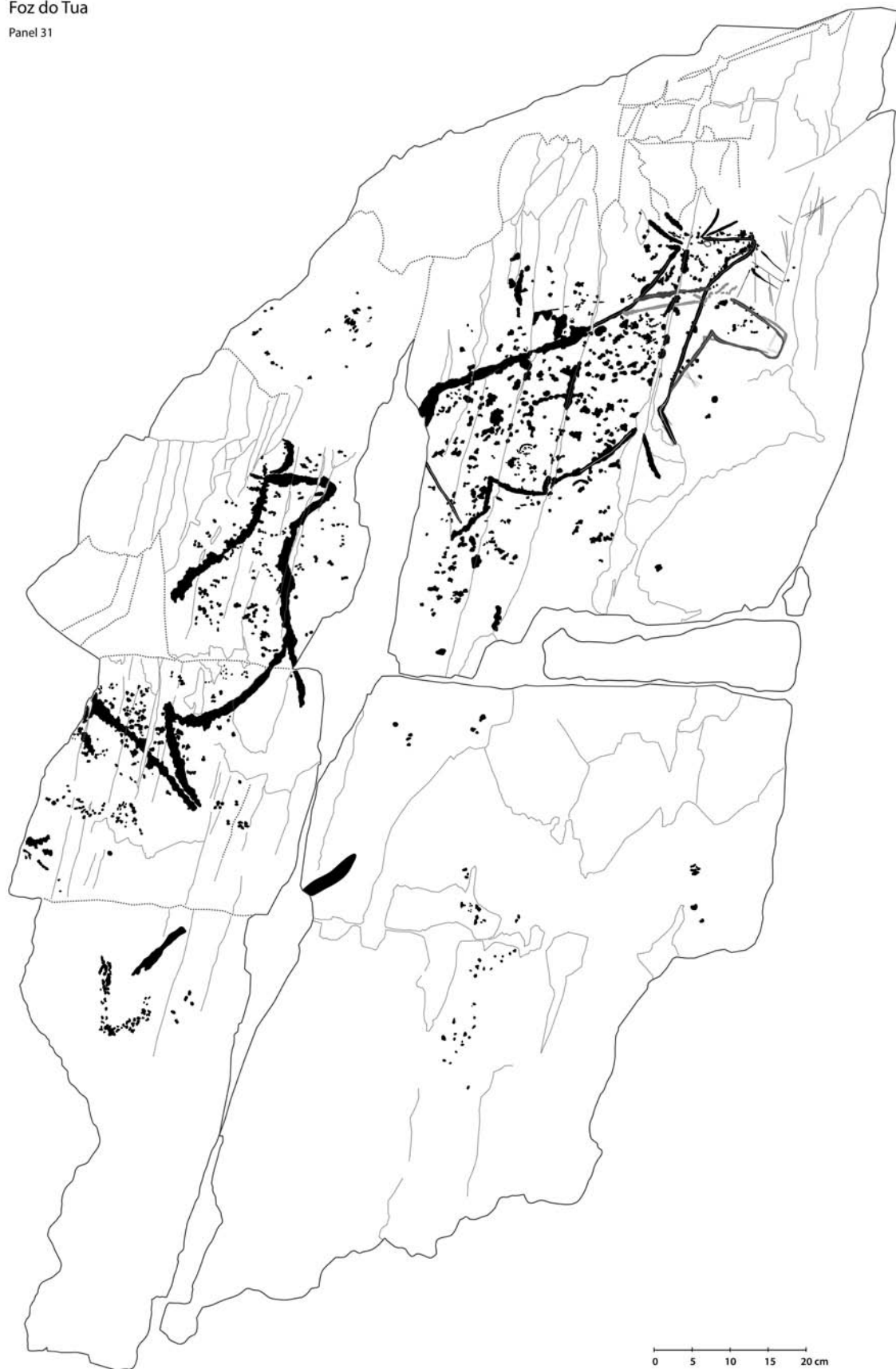


Fig. 3 — Registo gráfico do painel 31. Painel onde se observam motivos animalistas atribuídos ao Paleolítico superior.

Relativamente à iconografia dos motivos, a maior parte das representações gravadas e pintadas são abstractas, não figurativas. Constitui uma das duas excepções o Painel 31 do Abrigo A, identificado no início dos nossos trabalhos de registo e decalque, no qual se encontram gravados motivos zoomórficos (Fig. 3; Est. II. 2). De facto, nesse painel, situado na zona lateral à entrada do abrigo, mas completamente desabrigado, encontram-se representados dois animais. A figura da esquerda representa um capríneo (VALDEZ-TULLETT 2013) ou cervídeo (SANCHES & TEIXEIRA 2013), sendo que o corpo do animal à direita, um distinto cervídeo, foi utilizado para figurar em simultâneo — um auroque e um cavalo (Est. II. 2). Estas gravuras apresentam grandes afinidades com os motivos conhecidos para a fase antiga da Arte Paleolítica do Vale do Côa (AUBRY & SAMPAIO 2008; SANTOS 2012).

Num segundo caso, o Painel 7 apresenta um elevado número de traços filiformes que, ainda que de forma mais abstracta, parece conter representações de peixes (VALDEZ & TEIXEIRA 2011).

4. CONTEXTO CRONOLÓGICO-CULTURAL GENÉRICO E BREVE DISCUSSÃO

De uma forma geral pode considerar-se que a área decorada do abrigo é bastante densa, tendo em conta a razão entre a espacialidade do mesmo e o número de painéis decorados (Est. I. 2). Por todo o espaço se observam sinais do tempo, quer seja no desgaste natural da rocha, quer seja nas marcas de “uso” e “passagem” humana que ali foram deixando os seus vestígios. Está aqui implícita uma longa diacronia de uso que, numa primeira análise, se pode balizar entre o Paleolítico superior (partindo das considerações tipológicas dos motivos animalistas do Painel 31 do Abrigo A) e o III/II milénio A. C. (onde consideramos relevante a informação de um bloco de xisto contendo motivos lineares de abrasão tipo “unhada” encontrada em contexto calcolítico, na construção de uma das entradas da estação de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa) (VALE 2012).

Reforçando a longa diacronia de utilização humana deste abrigo, acentue-se que, para além dos painéis com arte pré-histórica existe ainda uma fase mais recente de gravação, durante os períodos Moderno / Contemporâneo, à qual correspondem as inscrições de certos nomes e datas, bem como algumas acções de picotagem de algumas superfícies.

O Abrigo da Foz do Tua encontra-se actualmente ainda em fase de estudo, pelo que o presente texto, em acordo com o poster apresentado, pretende somente dar conta dos resultados preliminares dos trabalhos em curso. Do seu estudo endótico faz parte (i) o registo da posição dos painéis quanto à sua relação física com o afloramento de que fazem parte integrante, (ii) o decalque e/ou fotografia dos grafismos, (iii) a análise minuciosa das técnicas utilizadas na produção daqueles, (iv) o estudo da relação técnica e gráfica das gravuras e pinturas com a natureza específica do “suporte”, (v) a análise da superfície dos painéis com vista à determinação de pátinas e alterações tafonómicas.

Procura-se assim entender e/ou interpretar este conjunto rupestre na sua multitemporalidade de produção e de uso, enquanto se tecem considerações que garantam a salvaguarda e integridade física do abrigo durante a fase de execução e exploração do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz-Tua².

Maio de 2014.

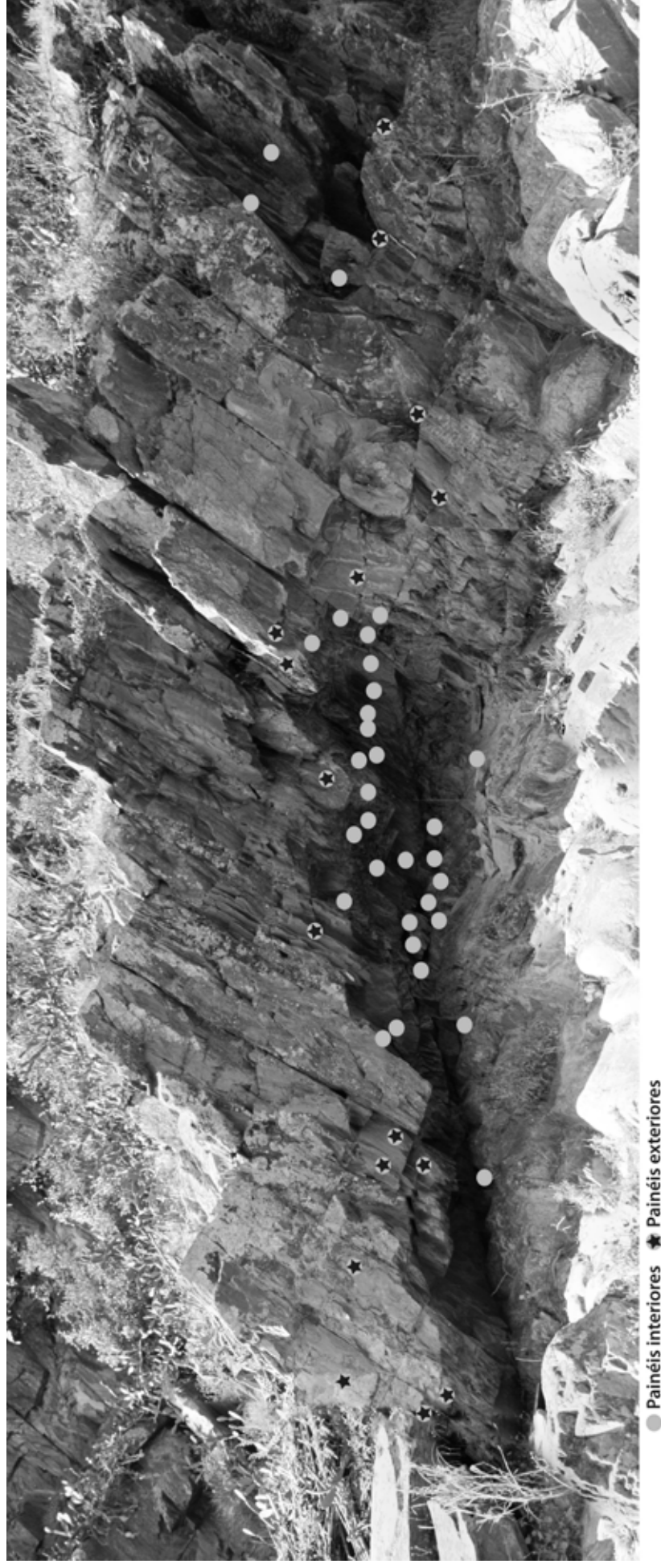
² Na realidade, no início dos trabalhos de construção da barragem, e ainda como medida preventiva de possíveis deslocações da massa rochosa, o abrigo foi registado através da tecnologia 3D em articulação com a fotogrametria, estando o mesmo a ser finamente monitorizado com meios técnicos apropriados. Em simultâneo, o painel com pinturas foi objeto de registo multiespectral. Estas medidas foram implementadas pela EDPP sob solicitação da tutela do Património Cultural. Contudo, não fazem parte do presente trabalho.

5. BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T., SAMPAIO, J. (2008). “Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio”. *Actas do III Congresso de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, 1 (pp. 7-30). V. N. Foz Côa.
- CANINAS, J. C., et alii (2008). *Relatório sobre o Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental do AHFT*, elaborado por EMERITA Ld.^a para Profico Ambiente, Ld.^a.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. (2009). “Pedra das Letras: uma rocha com gravações lineares (Proença-a-Nova)”. *Açafa Online*, n.º 2. Associação de Estudos do Alto Tejo.
- Profico Ambiente, Ld.^a (2008). *Relatório Final do Estudo de Impacte Ambiental do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua*, elaborado para a EDP — Gestão da Produção de Energia S.A. (Relatório Técnico Volume I e Volume II).
- SANCHES, M. J. (1992). *Pré-história Recente no Planalto Mirandês*. Monografias Arqueológicas, 3. Porto. GEAP.
- SANCHES, M. J., Teixeira, J. C. (2013). “An Interpretative approach to “devil claw” carvings: the case of River Tua Mouth Rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal)”. *XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History, 20-26 de Setembro* (pp. 59-68). Capo di Ponte, Itália: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- SANTOS, A. T (2012). “Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual”. *Trabalhos de Arqueologia*, 54 (pp. 39-66). Lisboa. DGPC.
- VALDEZ-TULLETT, J. (2013). *O Abrigo rupestre de Foz Tua — A ampla diacronia de um espaço significante*. Actas das I Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero (pp. 355-366), Zamora 2011.
- VALDEZ, J., Teixeira, J. C. (2011). *Relatório Final de Levantamento de Arte Rupestre de Abrigo no Vale do Tua, Medida 15 da DIA do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua*. Relatório Técnico, 3 volumes, elaborado por Emerita Ld.^a para Profico Ambiente, Ld.^a.
- VALE, A. do (2012). *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. FLUP.



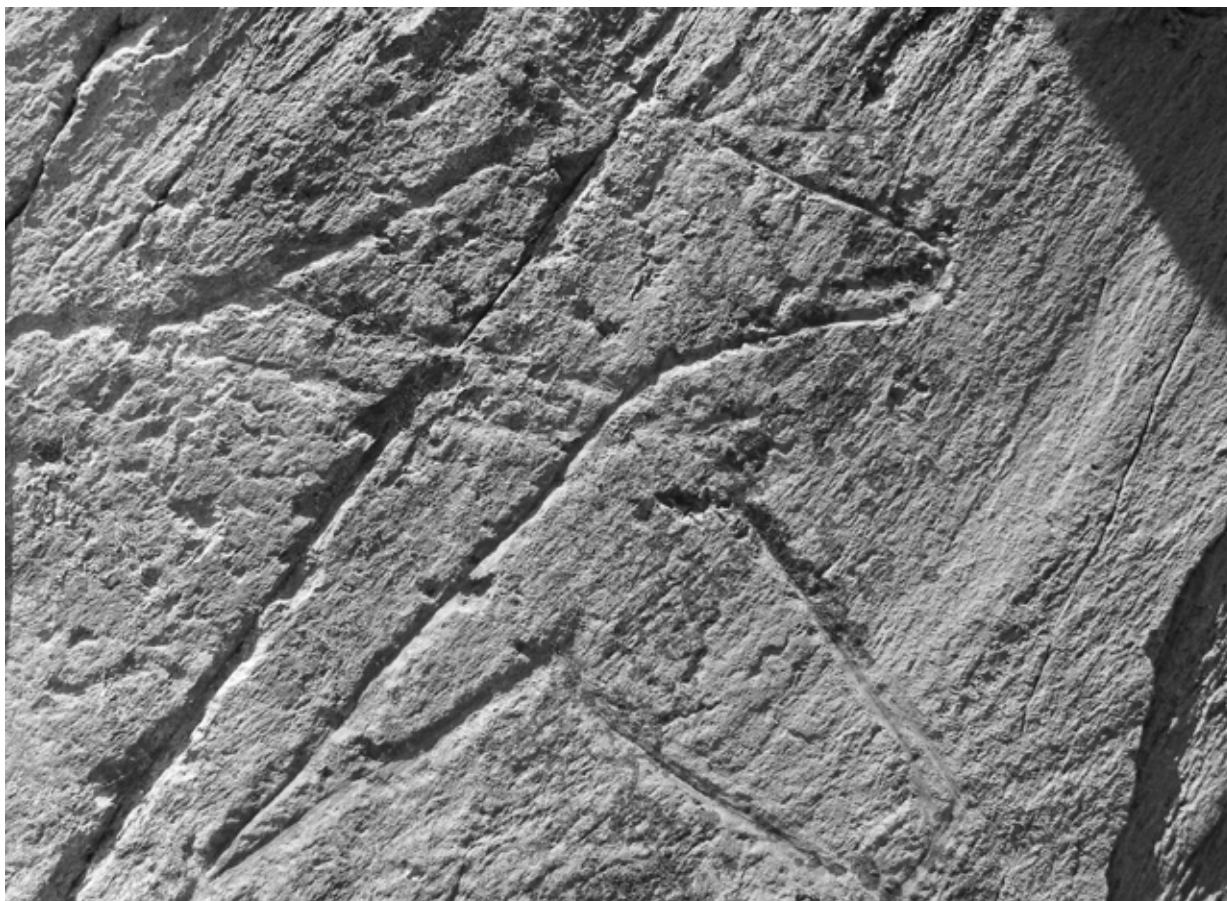
Vista para a margem direita do rio Tua, a partir da margem esquerda. A seta indica a localização do abrigo, na base da escarpa xisto-grauvática.



Panorâmica do abrigo com indicação dos painéis identificados no decorrer dos trabalhos.



1. Detalhe do painel 6, painel onde se articulam as gravuras de “cavinhas” com abrasões profundas de tipo “unhada do diabo”.



2. Painel 31, detalhe da figura da direita onde, à cabeça e corpo de um cervídeo, foram acrescentadas as cabeças de um auroque e de um cavalo.